

Fortes emoções

Nunca houve um mês como julho: teve ataque especulativo contra moeda de país emergente; temor de contágio do real; críticas públicas do ministro Sérgio Motta à política econômica e ao ministro Pedro Malan; crise na aliança; queda na bolsa; troca de presidente de Banco Central. Resultado líquido: as reservas cambiais aumentaram em US\$ 1,5 bilhão, sem contar a banda B. A bolsa, perdeu apenas US\$ 4,5 milhões em capital estrangeiro.

— O que é uma saída destas em um estoque de US\$ 37 bilhões? Nada! — resume Emílio Garófalo, da Consultores Associados, considerando banal toda a aflição que atingiu o mercado com a queda da bolsa.

— Foi uma transição suíça — diz Francisco Gros, referindo-se à troca de gustavos, a mais tranqüila mudança de presidente de Banco Central desde o começo dos anos 80.

Quem viveu o turbilhão econômico das últimas décadas aprecia estes sinais de um país na era de estabilidade.

Um olhar atrás impressiona. Carlos Langoni saiu em setembro de 83 com a crise que se seguiu à quebra do México e do Brasil. O país tinha US\$ 200 milhões de reservas. Era o começo da longa jornada noite adentro. Affonso Pastore saiu com o fim do Governo Figueiredo, deixando dúvidas: negociara um acordo com os credores, só que o Fundo não quis assinar, por achar que o Governo civil não iria cumpri-lo.

Antônio Carlos Lemgruber ficou nove meses, uma gestão marcada pela controvérsia em torno das fórmulas de correção monetária e cambial que adotou. Saiu com a queda de Francisco Dornelles da Fazenda, num momento de muita incerteza. Fernão Bracher saiu do Governo depois de vários conflitos com a Fazenda e às vésperas da moratória. Não quis decretá-la. Francisco Gros ficou quatro meses, na sua primeira gestão, e saiu na queda de Funaro. O Plano Cruzado havia fracassado e o novo ministro, Bresser Pereira, chegou mudando o câmbio e preparando novo choque econômico. Fernando Milliet saiu com a queda de Bresser, após o fracasso do segundo plano. Elmo Camões foi um dos piores momentos da vida do Banco Central. Uma gestão marcada pelas acusações de corrupção na

corretora Capitânia, de Elminho. Wadico Bucchi saiu ao fim do Governo Sarney com o país em hiperinflação.

Ibrahim Eris saiu com a queda de Zélia Cardoso de Mello. Era um momento de perplexidade: a inflação sobrevivera ao mais absurdo dos choques: o assalto às contas e às aplicações. Gros voltou. Saiu em meio às incertezas do impeachment. Gustavo Loyola ficou cinco meses e saiu por causa dos constantes ataques do presidente Itamar Franco ao Banco Central. Paulo Ximenes saiu em meio às brigas com o presidente sobre o uso do cheque pré-datado. Pedro Malan saiu no fim do Governo Itamar. Poderia ser uma transição tranqüila não fosse a crise do México que criava o primeiro grande teste do Plano Real. Pêrsio Arida saiu deixando as incertezas provocadas pela mudança da política cambial. Já se sabia àquela altura que grandes bancos estavam quebrados, e que o país estava à beira de uma crise bancária. Do presidente Fernando Henrique, Loyola ouviu a missão: "Evite a Venezuela."

Na semana passada, não houve um minuto de dúvida. O presidente Fernando Henrique nem estava em Brasília. Não houve vazio de poder. Pedro Malan deu ao mesmo tempo as duas notícias: quem saía e quem entrava. A troca foi um jogo de sinais que mostrou a força do ministro e tirou as dúvidas que ainda pairavam sobre a política cambial.

No balanço do mês se viu que a instabilidade asiática de fato não chegou ao Brasil. O país ainda tem a confiança dos credores. Que os ares da estabilidade não embriaguem o Governo. Ainda há muito o que fazer para reduzir riscos futuros. Mas ao final deste julho pode-se dizer, pelo menos: até aqui, tudo bem.